

# A RELAÇÃO ENTRE AS VÍRGULAS E OS TEMAS MARCADOS: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Anderson Cristiano da Silva\*

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa

## RESUMO

Este artigo objetiva discutir as possíveis relações entre os sinais de pontuação e os temas (*marcado e não-marcado*). Nosso intuito é problematizar os eventuais efeitos de sentido que podem ocorrer na mudança de ordem dos elementos da oração. O referencial teórico para atingir tal objetivo é o da Gramática Sistêmico-Funcional, no qual delimitamo-nos ao estudo da *metafunção textual*. Para efeito de análise, utilizamos um texto opinativo da *Folha de S. Paulo*, do articulista Ruy Castro. À guisa de conclusão, observamos que no texto analisado as vírgulas tiveram papel relevante na marcação do tema, no qual todos os elementos marcados representam *circunstâncias* de tempo. Sob essa perspectiva, a pontuação contribui para evidenciar o *tema*, pois ao deslocar uma parte da oração, o autor dá prioridade para determinada construção em detrimento de outra ressaltando os efeitos de sentido.

**Palavras-chave:** pontuação. Gramática sistêmico-funcional. Metafunção textual. Tema marcado.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the possible relations between the punctuation marks and the themes (marked and not-marked). Thus, we our objective is observed the eventual effects of sense that can occur in the change of order of the sentence's elements. The theoretical reference of this work is the Sistic-Funcional Grammar in which delimiting us to study of the *textual metafunction*. For effect of analysis, we used a newspaper article of the *Folha de S. Paulo*, by Ruy Castro. As a result, we observed that in the text analyzed the commas had prominent importance in the marking of the theme, in which all of the marked elements represent circumstances of time. According to this perspective, the punctuation contributed for show up the *theme*, therefore upon dislocating a part of the sentence, the author gives priority for determined construction to the detriment of another one, standing out the sense desired.

**Key Words:** punctuation. Sistic-funcional grammar. Textual metafunction. Marked theme.

## INTRODUÇÃO

---

\* Anderson Cristiano da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: andcs23@ig.com.br

Se a perspectiva sistêmico-funcional tem como princípio a investigação dos sentidos por meio da materialidade linguística, a pontuação também tem papel relevante, pois é um componente constitutivo na tessitura da língua escrita.

O objetivo deste estudo é problematizar, dentro de uma perspectiva sistêmico-funcional, a relação existente entre os sinais de pontuação e os *temas marcados* (*metafunção textual*). Conforme nossa observação, por meio do contato com algumas bibliografias da área, constatamos que os sinais de pontuação ainda não são abordados pelo viés de análise da Gramática Sistêmico-Funcional, doravante GSF.

Com efeito, as pessoas geralmente percebem as nuances de entoações na fala, conseguindo distinguir os efeitos de sentido a partir das pausas na oralidade, no entanto, isso deixa de ocorrer na transposição para a escrita, uma vez que ao longo do processo de aprendizagem sobre os sinais de pontuação, percebem-se falhas no ensino desse conteúdo. Dessa maneira, justifica-se esta pesquisa pela necessidade de discutirmos a constituição e nuances de sentidos a partir do emprego dos sinais de pontuação.

Da perspectiva metodológica, num primeiro momento, discorreremos sobre a GSF no intuito de explicitar brevemente a noção do conceito de *metafunção textual* e, na sequência, definir o sentido de *tema marcado* e *tema não-marcado*. Na sequência, elucidamos o viés adotado em nosso trabalho sobre os sinais de pontuação, para tanto, delimitamo-nos ao estudo discursivo da vírgula, pois acreditamos ser pertinente em nossa análise.

Após a conceituação teórica, faremos uma macroanálise, contextualizando nosso *corpus* a fim de refletirmos sobre os sinais de pontuação e a relação com os *temas* (*marcados* e *não-marcados*). Para tal empreendimento, utilizamos um texto opinativo da mídia impressa retirado do jornal *Folha de S. Paulo*, do articulista Ruy Castro.

## 1 A METAFUNÇÃO TEXTUAL: REFLEXÕES SOBRE OS TEMAS MARCADOS E NÃO - MARCADOS

Ao propormos discutir a relação dos sinais de pontuação com os *temas marcados* e *não-marcados*, necessitaremos apresentar alguns pressupostos teóricos que circundam esse estudo. Considerando que uma das funções principais da linguagem é a constituição de sentidos, a GSF vem corroborar para a análise dos discursos, tornando-se um instrumento útil para professores e pesquisadores.

Dessa forma, distanciando-se de uma análise meramente interpretativa, a proposta da GSF como instrumento de análise torna-se um modo de auxiliar o melhor entendimento da constituição de sentidos e das nuances de compreensão. Dado o caráter subjetivo da linguagem, por meio da conceituação teórica da GSF, podemos nos embasar nas análises do discurso tendo como ponto de partida os elementos da oração.

Na análise das orações, Martin e Rose (2003) propõem a divisão em três partes principais: *processo*, *participante* e *circunstância*. Sendo que, os dois primeiros são obrigatórios e o último opcional. Além disso, na GSF, a linguagem é dividida, de acordo com o contexto social, em três *metafunções*.

The SFL model of language in social context recognizes three general social functions that we use language for: (i) to enact our social relationships; (ii) to represent our experience to each other; and (iii) to organize our enactments and representations as meaningful text. These are known as the **metafunctions** of language in social activity:

- the **interpersonal** metafunction to enact relationships
- the **ideational** metafunction to represent experience
- the **textual** metafunction to organize text.

As social discourse unfolds, these three functions are interwoven with each other, so that we can achieve all three social functions simultaneously. In other words we can look at any piece of discourse from any of these three perspectives, and identify different functions realized by different patterns of meaning (MARTIN; ROSE, 2003, p 6-7)<sup>1</sup>.

Conforme afirmação acima, a metafunção textual tem por característica organizar o texto, sendo essa função um dos motivos para as nuances de sentido de acordo com a posição das partes da oração. Nesse contexto e de acordo com o objetivo de nosso estudo, nos deteremos à reflexão da *metafunção textual*, pois é usada para organizar os significados experienciais e interpessoais num conjunto linear e coerente.

Para que o usuário da língua possa expressar-se, é necessário que conheça os elementos que o permitem dar seqüência lógica ao seu pensamento; esse usuário, dependerá, para tanto, de elementos coesivos que indiquem relações entre orações, contexto e seu propósito. (EGGINS, 1994:273 apud IKEDA; VIAN JR, 2006, p. 52)

<sup>1</sup> O modelo SFL da linguagem no contexto social reconhece três funções sociais gerais que usam a linguagem para: (i) ordenar nossas relações sociais, (ii) para representar nossa experiência para o outro, e (iii) organizar nossas encenações e representações como texto significativo. Esses são conhecidos como as metafunções da linguagem na atividade social:

- A metafunção interpessoal para ordenar relacionamentos
- A metafunção ideacional para representar a experiência
- A metafunção textual para organizar o texto.

Como o discurso social se desenvolve, essas funções se entrelaçam umas com as outras, para que possamos atingir todas as funções sociais simultaneamente. Em outras palavras, podemos olhar para qualquer parte do discurso a partir de qualquer uma dessas perspectivas, e identificar diferentes funções realizadas por diferentes padrões de significado (tradução nossa).

Dentro dessa discussão, consideramos que a reflexão a respeito dos *temas marcados e não-marcados* vem ajudar na observação dos efeitos de sentido, os impactos, consequências e as reações possíveis por meio da mudança da ordem canônica da oração.

In English, as in many other languages, the clause is organized as a message by having a special status assigned to one part of it. One element in the clause is enunciated as the theme; this then combines with the remainder so that the two parts together constitute a message. (HALLIDAY, 1994, p. 37)<sup>2</sup>

Em consonância com o excerto acima, as orações em língua portuguesa também possuem duas partes distintas. A primeira representa algo já conhecido e a outra um dado novo, dessa forma, a combinação dessas duas partes resultará na mensagem pretendida. O que aparece primeiro na oração expressa um tipo importante e separado de significado: sinaliza para o leitor ou ouvinte sobre o que é a mensagem e também o desenvolvimento do texto. Dessa forma, o primeiro elemento é o *tema* (dado) e o segundo o *rema* (novo).

Segundo Martin e Rose (2003), alguns teóricos tem usado a metáfora das ondas para descrever determinados fluxos de informação. A palavra onda é usada para ilustrar a apreensão do sentido por meio da organização textual. De acordo com tais afirmações, as *ondas* representam o fluxo de informações existentes no discurso, dessa forma, ao estruturarmos as ideias, necessitaremos colocá-las em sequência para expressar aquilo que queremos dizer.

Se considerarmos que na língua portuguesa, a ordem canônica do discurso é estruturada por meio da seguinte sequência: sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) (LOPES-ROSSI, 2001); ao mudarmos a ordem desta sequência, teremos que marcar com uma pontuação, o que decorrerá também em nuances no sentido.

Diferente da gramática normativa, a GSF estrutura a sequência discursiva por meio de três nomenclaturas distintas: *participante, processo e circunstância*. Nesse caso, não existe uma estrutura rígida para os elementos citados, mas as disposições dos mesmos podem influenciar nos efeitos de sentido, nesse ponto, chamamos atenção para a contribuição das vírgulas para reconhecermos os descolamentos no fio do discurso.

---

<sup>2</sup> Em Inglês, como em muitas outras línguas, a oração é organizada como uma mensagem por ter um estatuto especial atribuído a uma parte dela. Um elemento na oração é enunciado como o tema; essa então combina-se com o restante de modo a que as duas partes em conjunto constituam uma mensagem (tradução nossa).

## 2 VÍRGULAS: DELIMITANDO NOSSO OBJETO DE ANÁLISE

Na busca de apresentar novos olhares sobre os sinais de pontuação, precisamos voltar na história para entendermos um pouco os motivos que delinearão a atual concepção que se apregoa sobre o emprego da pontuação. Segundo Rocha (1997), os sinais de pontuação raramente são objetos de discussão, uma vez que a maior parte dos escritos sobre esse assunto é de cunho prescritivo.

Embora os sinais de pontuação tenham sido introduzidos de modo lento e tardio, de acordo com a autora, estudar a história da pontuação remete-nos a refletir sobre sua trajetória e suas peculiaridades. Segundo Rocha (1997), durante séculos não existiram sinais de segmentação, tampouco marcas gráficas de pontuação, pois a leitura cultivada era expressa em voz alta. Com o decorrer do tempo, a cultura de massa proporcionou uma revolução na maneira de conceber à escrita e, conseqüentemente, a pontuação, atribuindo-lhe importância ao texto escrito.

No entanto, vê-se uma lacuna entre as regras normatizadoras e o uso cotidiano da pontuação, sendo necessária ser mais discutida e problematizada. Não se trata de tentar sistematizar o uso corrente dos sinais de pontuação, mas dar atenção para os fatos da língua em que os manuais não podem responder ou dar explicação. Segundo Rocha (1997), é necessário que os linguistas também se preocupem com o estudo da pontuação, permitindo abranger e ampliar nosso conhecimento sobre o assunto.

Especificamente, em nosso estudo, abordaremos a questão da vírgula, pois acreditamos ser um dos casos mais complexos dentre os sinais de pontuação existentes. Sobre a vírgula, Dahlet faz uma análise de diferentes gramáticos, nos quais trazem em geral a definição de pausa, porém a autora afirma que “é contraditório o fato de referir ao conceito de pausa, cujo domínio de aplicação é o registro falado, quando se trata da pontuação, cujo domínio é por natureza o da escrita” (DAHLET, 2006, p.140).

Nesse sentido, além da função de separar, atribuída à vírgula, Dahlet descreve outras funções encontradas em sua análise, como: isolar, assinalar, mostrar, marcar, entre outras. Há, no entanto, a concepção de sua função ser uma só: a de segmentar, como conceitua a autora, afirmando também que a vírgula é a pontuação de sequência mais complexa.

A autora explica que os manuais de gramática tendem a enumerar de forma aleatória as funções da vírgula, devido aos numerosos casos, cria-se uma sensação de

confusão ao tentar entendê-los. Segundo Dahlet (2006), a função clara da vírgula é separar, porém, sua função não se limita a isso. De modo geral, ao separar segmentos da cadeia escrita, ela ativa outras operações sintáticas, que podem se resumir nas seguintes ocorrências: *adicionar, subtrair, inverter*.

Os três princípios de ocorrência da vírgula são recorrentes de estudos teóricos a partir da língua francesa, mas autora sustenta a ideia de que seja possível ser aplicado na língua portuguesa, pois as duas línguas são muito próximas. Dahlet (2006) ratifica esta ideia explicitando os três princípios da vírgula:

- i. **princípio de adição:** a vírgula aparece para separar segmentos de função gramatical equivalente, quando estes últimos não são ligados por um elemento de coordenação;
- ii. **princípio de subtração:** “separam-se por (dupla) vírgula todos os elementos que poderiam ser subtraídos (aposto, adjetiva explicativa), e assinalam-se por vírgula todos os elementos que foram subtraídos (elipse)”;
- iii. **princípio de inversão:** a vírgula assinala “qualquer deslocamento de segmentos frasais em relação à ordem canônica”. (DAHLET, 2006, p. 146)

Tendo como apoio as discussões teóricas de Dahlet sobre a funcionalidade das vírgulas, delimitaremos nossas discussões a partir dessa pontuação. Desse modo, temos consciência que existem muitas diferenças entre as prescrições sobre a vírgula nas gramáticas normativas, ademais, também despontam no cenário acadêmico trabalhos de relevante destaque sobre a temática, no entanto, ainda em número reduzido em comparação a outros assuntos referentes à língua. Assim, nossa discussão vislumbra corroborar para a ampliação do assunto com vistas a divulgar a importância dos sinais de pontuação para a constituição de sentidos.

### 3 ANÁLISE DO *CORPUS*: AS VÍRGULAS NO TEXTO MIDIÁTICO

Nesta seção, analisaremos especificamente a função das vírgulas como marcações explícitas do tema dentro do gênero artigo de opinião. Para efetivação da análise no texto opinativo, aplicamos alguns pressupostos da GSF, investigando primordialmente o papel da pontuação na demarcação dos temas.

Antes de nossa análise, apresentaremos o contexto de nosso *corpus*. Sendo assim, o texto refere-se a um artigo de opinião<sup>3</sup>, no qual observamos a visão do

---

<sup>3</sup> CASTRO, Ruy. **Primeiro, a bombonière; depois, a pista**. Folha de S. Paulo. C8, Caderno Cotidiano, quinta-feira, 19 de julho de 2007.

colunista Ruy Castro sobre a reforma do aeroporto de Congonhas. O articulista explicita aos leitores do jornal sua indignação contra as prioridades dadas na reforma do aeroporto de Congonhas. O contexto do artigo situa-se no período da última tragédia acontecida com um avião da TAM no referido aeroporto.

Com relação ao autor do artigo, além de passagens na imprensa carioca e paulista, Ruy Castro tem o nome reconhecido por seu trabalho como jornalista e também como renomado escritor brasileiro, no qual destacou-se por algumas biografias engendradas por ele, como a de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmem Miranda. Além disso, também já foi vencedor de diversos prêmios na área, como o prêmio Esso e também quatro Jabutis, o mais tradicional prêmio do gênero no Brasil.

O texto elencado para discussão foi vinculado no caderno Cotidiano da *Folha de S. Paulo*. A escolha por um texto desse jornal para análise justifica-se por sua importância no contexto nacional, sendo considerado um dos maiores periódicos do país. Ademais, os textos midiáticos representam material importante para análise discursiva devido à riqueza linguística que os constituem; por isso, é preciso destacar a relevância desses textos como material investigativo.

Nesse sentido, contextualizado nosso objeto de investigação, colocamos na sequência a cópia integral do artigo, no qual poderemos discorrer sobre os aspectos já elencados anteriormente.

# Primeiro, a bombonière; depois, a pista

**RUY CASTRO**  
COLUNISTA DA FOLHA

O POETA Vinicius de Moraes já dizia: “É mais pesado que o ar, tem motor a explosão e foi inventado por brasileiro. Não pode dar certo”.

Durante 40 anos, esta foi apenas uma “boutade” de Vinicius sobre o avião —meio de transporte do qual, mesmo quando diplomata, ele guardava prudente distância. Hoje, ela ganhou um amargo sabor de realidade. Depois de habituar-se a maltratar os passageiros antes, durante e depois dos vôos, os aeroportos e companhias aéreas brasileiros estão se dedicando a matá-los. Não admira que venham perdendo a freguesia.

Uma pesquisa sem valor de amostragem, ontem no UOL,

perguntou a cerca de 10 mil assinantes do portal se, em vista dos últimos acontecimentos, eles se sentiam seguros para viajar de avião —sim ou não. O não ganhou de goleada: 78% a 22%. Donde, mesmo que os aeroportos voltem a funcionar direito nos próximos tempos e as empresas do setor troquem a ganância pelo espírito público, poderemos ter um esvaziamento em massa do transporte aéreo. Quebrou-se a confiança no veículo e em quem o opera.

Posso tirar por mim. Por causa de alguns livros que publico, sou freqüentemente convidado a visitar cidades que adoro e onde tenho amigos. Nos últimos tempos, já estava aprendendo a me adaptar às longas esperas nos aeroportos, ao crescente desconforto das poltronas, aos indecentes apa-

relinhos de televisão transmitindo comerciais durante o voo e à mesquinha dieta de barras de cereal —tudo pela literatura. Mas, a partir de agora, pensarei duas vezes se quero arriscar o pescoço num aparelho que pode muito bem não pousar —e apenas porque o aeroporto, vide Congonhas, começou sua suntuosa reforma pela bombonière, deixando por último a reforma da pista.

Acontece que, se viajo ou deixo de viajar para dar uma palestra ou assinar livros, isso só altera o meu cotidiano e o de algumas outras pessoas. Mas há uma quantidade fenomenal de brasileiros que precisa voar para lá e para cá o ano inteiro, para prestar serviços, fechar negócios, cumprir contratos —enfim, para fazer a economia funcionar. Por acaso, são todos, ou quase todos, seres hu-

manos, sujeitos a medo. Suas empresas terão o direito de obrigá-los a esquecer o medo e viajar —ou, a partir de agora, deveriam pagar-lhes um adicional de insalubridade por cada tumba voadora em que forem obrigados a embarcar?

Acontece também que quem viaja a negócios, bem ou mal, terá de continuar viajando. Mas aqueles que viajam a prazer, em busca de sol, praia e pernas de fora —direitos inalienáveis do ser humano, mesmo que por alguns dias do ano—, poderão optar por ficar em casa nas férias ou nos feriados. Com isso, perdem as cidades brasileiras, como o Rio e as capitais do Nordeste, que têm mais a oferecer ao viajante do que uma sala fechada no 25º andar, feita apenas para gerar um dinheiro que tem cada vez menos o que comprar.

Fig. 1: Artigo da Folha de São Paulo

Ao analisarmos o artigo, podemos perceber a subjetividade na colocação de certos sinais de pontuação, além da escolha lexical do autor para titular o texto (Primeiro, a bombonière; depois, a pista). A presença das duas vírgulas e do ponto-e-vírgula serve para auxiliar na adequação do espaçamento do título e também para remeter as ideias subentendidas que o interlocutor pode associar.

Numa primeira leitura, a presença das duas vírgulas faz-se presente para marcar a inversão da ordem canônica da língua (Sujeito/Verbo/Objeto), conforme podemos mostrar nesta versão modificada do título original: *A bombonière primeiro; A pista depois*. Dessa forma, os sinais de pontuação auxiliam no destaque das palavras *primeiro* e *depois* que reportam ao contexto das reformas acontecidas no aeroporto de Congonhas na época.

O assunto veio à tona após a tragédia com o *airbus* da TAM. Nesse contexto, a inversão da ordem canônica dá ênfase ao fato de que a reforma do aeroporto teve como prioridade a bombonière e não a pista do aeroporto, fato inusitado que denuncia quanto ao grau de preocupação das autoridades pela segurança dos voos.

Em consonância com nossos apontamentos sobre o título, elencamos cinco excertos que encontrados relação direta com a pontuação e a inversão da ordem canônica da oração. O *corpus*, demonstrado no quadro abaixo, constitui-se de recortes do artigo opinativo, conforme explicitado nos parágrafos anteriores. Para fins de análise, separamos os períodos em um quadro, bem como deixamos em destaque com outra cor os temas marcados.

|     |  |
|-----|--|
| (1) | Durante 40 anos, esta foi apenas uma “boutade” de Vinícius sobre o avião – meio de transporte do qual, mesmo quando diplomata, ele guardava prudente distância.  |
| (2) | Hoje, ela ganhou um amargo sabor de realidade.   |
| (3) | Depois de habituar-se a maltratar os passageiros antes, durante e depois dos vôos, os aeroportos e companhias aéreas brasileiros estão se dedicando a matá – los.  |
| (4) | Nos últimos tempos, já estava aprendendo a me adaptar às longas esperas nos aeroportos, ao crescente desconforto das poltronas, aos indecentes aparelhinhos de televisão transmitindo comerciais durante o vôo e à mesquinha dieta de barras de cereais. |
| (5) | Mas, a partir de agora, pensarei duas vezes se quero arriscar o pescoço num aparelho que pode muito bem não pousar – e apenas porque o aeroporto, vide Congonhas, começou sua suntuosa reforma da bombonière, deixando por último a reforma da pista.    |

Fig. 2 Quadro com exemplos de temas marcados.

Conforme observamos acima, as escolhas por determinados temas no início do período são evidenciados pela colocação da vírgula. Essa pontuação específica ajuda-nos a perceber a possível intencionalidade do autor e os efeitos de sentido pretendidos com essa construção textual.

Para iniciar o artigo falando de um assunto sério, o colunista começa com um tom mais leve, citando o medo que Vinícius tinha e era conhecido por toda a imprensa. No excerto (1), o autor, ao relembrar o tom de gozação com que o próprio Vinícius de Moraes fazia com seu pavor de avião, remete-nos ao longo período de quatro décadas em que o poeta passou evitando voar de avião, mesmo quando necessário por conta da sua profissão de diplomata, que exigia viagens aéreas constantes.

Na sequência, no início do excerto (2), percebemos a ênfase que o articulista dá ao advérbio *hoje*, dando destaque na cadeia sintática para a realidade que desvelava a falta de preocupação com a segurança do aeroporto paulistano, fazendo uma dicotomia com sensações gustativas entre o *doce* da *bombonière* e o *amargo* da atitude feita pelos

responsáveis na prioridade da reforma em Congonhas, iniciando por uma loja de conveniência e não pelas pistas.

O próximo item do nosso *corpus* (excerto 3), verificamos que Castro (d)enuncia destacando uma prática corriqueira na maioria das companhias aéreas, ou seja, ele faz uma gradação, pois afirma que os funcionários das companhias costumavam maltratar os passageiros antes, durante e depois dos voos, mas estavam na época até matando.

No quarto parágrafo que destacamos (excerto 4), o autor destaca que nos últimos tempos estava até se acostumando com as constantes formas de descaso com os passageiros das companhias aéreas brasileiras, pois relatou suas experiências enquanto usuário, lembrando também seus interlocutores das inúmeras formas com que sofrem nos aeroportos e dentro das aeronaves.

Por último, vemos no excerto 5 a indignação do autor e sua ênfase no advérbio *agora* que mostra sua decisão de evitar viagens de avião depois da tragédia, mas principalmente depois de constatar pela mídia que o aeroporto não estava preocupado com a segurança de todos os usuários, mesmo depois da tragédia ocorrida com a empresa TAM.

Chama-nos atenção a posição do elemento *circunstância* em todos os exemplos apresentados. Nos cinco casos, a sentença é iniciada por uma *circunstância temporal* que tem sua origem na intenção do autor, dessa maneira, resultando em temas marcados.

As *circunstâncias* são realizadas gramaticalmente por advérbios ou sintagmas adverbiais e ocorrem livremente em todos os tipos de processo, geralmente, com a mesma significação que lhe é inerente, onde quer que se realizem. Isso não quer dizer que, em um determinado contexto de uso, um tipo de circunstância não possa revelar outro(s) sentido(s), além de sua significação básica. (CUNHA; SOUZA, 2007, p.61)

Dessa maneira, o deslocamento das circunstâncias (evidenciados pelas vírgulas) dá ênfase ao tempo, no qual nos permite perceber a subjetividade presente no texto, tendo em vista outras possibilidades de construção do mesmo texto analisado.

Nesse sentido, as vírgulas tem um papel essencial na constituição de sentidos, pois marca a inversão da ordem canônica da oração, na qual o autor provavelmente quis deixar em primeiro lugar essas circunstâncias temporais, o que na GSF é delineada pela *metafunção textual*, que tem a finalidade de organizar o texto.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos relacionar o conteúdo dos sinais de pontuação com os *temas marcados*. Dessa maneira, observamos que a pontuação é uma das formas de evidenciar o *tema*. Essa escolha tem uma intencionalidade, pois ao construirmos as orações, a posição das palavras ou expressões tem papel relevante para os efeitos de sentido.

As contribuições dos pressupostos teóricos da GSF tornam-se instrumentos de análise pertinentes. A GSF apresenta-se como um viés facilitador da leitura, auxiliando na construção da capacidade leitora, possibilitando o desenvolvimento da criticidade de leitores das mídias impressas ou textos veiculados em outros meios.

Em síntese, esse artigo veio questionar a possibilidade de se utilizar da pontuação dentro do sistema de análise da GSF, além disso, o presente estudo corrobora para uma prática além do meio acadêmico, trazendo a possibilidade de se trabalhar com a GSF em qualquer espaço que haja linguagem.

## REFERÊNCIAS

- CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Bristol, UK: Edward Arnold, 1994.
- IKEDA, S. N.; VIAN Jr., O. A análise do discurso pela perspectiva sistêmico-funcional. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). *Pesquisa em Lingüística Aplicada: temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006.
- LOPES-ROSSI, M. A.G. *O emprego da vírgula no português a partir da reflexão sobre a organização estrutural das frases: possibilidades e desafios*. Comunicação apresentada no XLIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL, Marília, 24, 25 e 26 de maio de 2001.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with Discourse: Meaning beyond the Clause*. London: Continuum, 2003.
- ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. In: *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 17 dez. 2007.